



a mais incerta  
das certezas

itinerário  
poético  
de  
fernando  
pessoa

pierre hourcade

edição  
e tradução de  
fernando carmino marques



LISBOA  
TINTA - DA - CHINA  
M M X V I

## ÍNDICE

© 2016, Fernando Carmino Marques  
e Edições Tinta-da-china

Edições Tinta-da-china  
Rua Francisco Ferrer, n.º 6-A  
1500-461 Lisboa  
Tels.: 21 726 90 28/29  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Título: *A Mais Incerta das Certezas:*  
*itinerário poético de Fernando Pessoa*

Autor: Pierre Hourcade

Edição e tradução: Fernando Carmino Marques

Coordenador da coleção: Jerónimo Pizarro

Revisão: Tinta-da-china

Composição: Tinta-da-china (Pedro Serpa)

Capa: Tinta-da-china (Vera Tavares)

1.ª edição: Abril de 2016

ISBN 978-989-671-307-2  
DEPÓSITO LEGAL n.º 406 739/16

Pierre Hourcade e o itinerário poético de Fernando Pessoa 7

*Fernando Carmino Marques*

A MAIS INCERTA DAS CERTEZAS:  
ITINERÁRIO POÉTICO DE FERNANDO PESSOA

Primeiro projeto de prefácio 21

*Pierre Hourcade*

CAPÍTULO I – A obra poética de

Fernando Pessoa antes de 1914 33

CAPÍTULO II – Alberto Caeiro, o misterioso mestre 85

CAPÍTULO III – Descoberta de Ricardo Reis 141

CAPÍTULO IV – Revelação de Álvaro de Campos 205

CAPÍTULO V – Pessoa *ipse* de 1914 a 1927 275

CAPÍTULO VI – Pessoa *ipse* de 1928 a 1935 325

CAPÍTULO VII – *Mensagem* 395

OUTROS DOCUMENTOS 417

NOTAS E BIBLIOGRAFIA 441

NOTAS BIOGRÁFICAS 486

PIERRE HOURCADE  
E O ITINERÁRIO POÉTICO  
DE FERNANDO PESSOA

Pode dizer-se que a história deste estudo sobre a poesia de Fernando Pessoa começa num dia de fevereiro de 1930, quando Pierre Hourcade se encontra pela primeira vez com o poeta no café Martinho da Arcada, em Lisboa. A empatia é imediata, recíproca, não tardando a transformar-se em amizade.

Impressionado pela originalidade da obra, o então estudante de 22 anos descreve este encontro com Fernando Pessoa num primeiro artigo que em junho desse mesmo ano publica na revista parisiense *Contacts*<sup>1</sup>. Aí, e pela primeira vez, Pessoa é apresentado ao público francês como um poeta que pelas suas fantasias criadoras «deixa muito para trás os nossos pálidos e secos teóricos de vanguarda». Nos anos seguintes, com o objetivo de revelar Pessoa à elite literária francesa e ao público em geral, Hourcade traduz, apresenta e comenta em diversos e sucessivos artigos a importância da poesia deste escritor, que considera o mais europeu dos poetas portugueses do seu tempo, digno de figurar entre os maiores no panorama internacional, um poeta cuja originalidade não resulta de qualquer concessão literária ou espiritual, mas sim da sua própria grandeza. Pessoa segue de perto as traduções e aprecia a interpretação lúcida que Pierre Hourcade faz da sua poesia<sup>2</sup>, a tal ponto que, na carta de candidatura que envia à Comissão Administrativa do Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães em Cascais, cita como referência os artigos que sobre a sua poesia

escreveram João Gaspar Simões, por um lado, e Pierre Hourcade, por outro<sup>3</sup>.

Os dois trocam livros, ideias, informações e parecem entender-se sobre a pequenez do meio onde se encontram: o que Hourcade escreve ainda em 1931 na revista *Cahiers du Sud*, dizendo que Portugal é uma terra propícia ao suicídio dos poetas, que aqui põem fim à vida não pelas ideias mas pela ausência delas, não terá decerto desagradado a Pessoa. Aliás, o poeta diz-se lisonjeado pelos artigos que Hourcade escreve sobre a sua poesia<sup>4</sup> e confessa até, quando a ocasião se proporciona, que gostaria de o ver contratado pela Faculdade de Letras de Lisboa<sup>5</sup> – desejo que veio a concretizar-se entre outubro de 1933 e dezembro de 1934, período em que Hourcade foi leitor de francês nessa mesma faculdade. Os encontros entre eles tornam-se então mais frequentes. No ano seguinte, no entanto, Hourcade parte para São Paulo, onde permanece durante três anos. Na última carta que lhe escreve, marcando encontro para o dia seguinte, Pessoa, embora diga estar contente «pela formidável notícia», lamenta antecipadamente o vazio que a ausência do amigo francês deixará nele e em todos os que o conheceram<sup>6</sup>.

É, pois, no Brasil que Pierre Hourcade se encontra em 30 de novembro de 1935. Pouco depois, em janeiro de 1936, quando Carlos Queiroz lhe anuncia a morte de Pessoa, Hourcade, dominado pela emoção, relembra os encontros com o poeta, e como nesses momentos o sentia a viver intensamente, como se quisesse recuperar as horas e horas de inexistência que precediam esses encontros, prometendo que «jamais, jamais o esquecerá»<sup>7</sup>. Prometeu e cumpriu.

Durante cerca de meio século, Pierre Hourcade tentou ir sempre mais longe na compreensão e na divulgação da obra de Fernando Pessoa, publicando em França, no México e em Por-

tugal o resultado das suas descobertas, do seu entusiasmo e da sua deferência para com uma obra que considerava «tão humana sob a sua aparente desumanidade»<sup>8</sup>.

Foi através das suas traduções que alguns dos estudiosos mais importantes de além-fronteiras se iniciaram no labirinto da obra pessoana. Antonio Tabucchi, por exemplo, revela que, ainda estudante, foi a leitura da magnífica tradução de «A Tabacaria» feita por Pierre Hourcade que despertou nele o interesse pelo poeta e a vontade de aprender a sua língua<sup>9</sup>.

No entanto, para Hourcade faltava ainda realizar um velho projeto: um estudo sobre o itinerário poético de Fernando Pessoa, baseado na obra de, e não no caso, Pessoa; não para acrescentar mais um comentário subtil a todos aqueles que submergem a obra de Pessoa, «mas para reconstituir de maneira sóbria o percurso espiritual, poético, pessoal e íntimo, solitário e doloroso que foi o seu»<sup>10</sup>. Um sonho que ia enfim poder concretizar, conseguindo assim «terminar o círculo onde tinha começado»<sup>11</sup>. Um estudo sobre a poesia de Fernando Pessoa, dedicado à memória de Carlos Queiroz, que num dia de fevereiro de 1930 o apresentara ao poeta, que Hourcade tinha em mente intitular, não sem alguma hesitação, «Itinerário Poético de Fernando Pessoa». Em epígrafe deveria figurar um verso de «Seguro assente na coluna firme», de Ricardo Reis: «A obra imortal excede o autor da obra.»<sup>12</sup> Esta epígrafe revela-se premonitória, na medida em que, pouco depois, Pierre Hourcade morre deixando inédito e quase concluído este «Itinerário Poético de Fernando Pessoa», em que segue ano a ano, mês a mês, dia a dia, quase, o percurso cronológico da construção e evolução de uma obra poética que, para o crítico, deve ser lida «tal como está escrita e não pelo que se supõe que dá a entender». Hourcade considerava que esta era a grande obra da sua vida e

pretendia com ela refletir «a história das metamorfoses por que passou a grande figura de Fernando Pessoa na consciência de um estrangeiro e amigo»<sup>13</sup>. Um amigo que, de 1930 a 1983, não se cansou de pugnar pelo reconhecimento válido e legítimo que o génio do poeta exige.

Longe do que Pierre Hourcade designa por «ininteligíveis»<sup>14</sup>, do comentário sobre o comentário, e distanciando-se quer dos primeiros estudiosos da obra de Fernando Pessoa – João Gaspar Simões e Casais Monteiro, de quem era amigo –, quer daqueles que no tempo lhes sucederam – Jorge de Sena, Jacinto do Prado Coelho, Eduardo Lourenço, entre tantos outros –, o percurso poético pessoano é aqui descrito em sete capítulos em que o ensaísta se propõe fazer o inventário e a descrição da obra poética de Fernando Pessoa e seus heterónimos, não à luz de qualquer técnica de interpretação a que a crítica em função das modas e das escolas se submete, não numa perspetiva linguística, psicanalítica, formalista, e menos ainda de historiador da literatura, mas antes realizando um simples exercício descritivo, fazendo suas as palavras de Alberto Caeiro, para quem «o que importa é saber ver», uma humilde tarefa, considerada secundária, quando não negligenciada, que põe em evidência a fragilidade de muitos dos sistemas interpretativos que fundamentam essas exegeses. Um «essai de topographie descriptive», segundo as suas palavras, realizado por quem não pratica qualquer técnica de interpretação, nem tem qualquer ponto de vista doutrinal. Pierre Hourcade procura apenas ver. Ver para mostrar, ou tentar destacar o que é aparente e, por ser aparente, muitas vezes negligenciado ou desvalorizado, e assim preencher modestamente uma lacuna, para que o universo pessoano seja compreendido através da evolução da sua obra tal como aos nossos olhos se apresenta e não como a imaginamos, porque para Hourcade, como para Alberto Caeiro, «as

coisas são o único sentido oculto das coisas». Uma descrição minuciosa, realizada por alguém que sentiu o eco desse apelo discreto e pudico de Pessoa, o homem, esse apelo por companhia, não uma companhia qualquer mas a daqueles que lhe pareceram capazes de com ele comunicar sobre coisas que de facto contavam e que para ele eram reais. Alguém que conheceu em primeira mão a dolorosa solidão do poeta e tenta ir mais além na sua compreensão, sem receio de, com sinceridade, admitir como são incertas as nossas certezas, pois «quanto mais nos aproximamos, mais Pessoa – poeta e homem – nos reserva algumas surpresas, apresentando-se diverso e contraditório», e que são quase tantos os contrastes «na obra ortónima como entre esta e os heterónimos». Hourcade recusa-se assim a explicar a obra de Pessoa através da sua vida, como Gaspar Simões faz, mas também a procurar uma suposta unidade por detrás da sua aparente diversidade, como Jacinto do Prado Coelho defende. Para Hourcade, «Fernando Pessoa não é, antes de mais, um caso extraordinário, um problema a resolver. É acima de tudo uma obra, ou um conjunto de obras que devem ser consideradas em si mesmas e por si mesmas»<sup>15</sup>. Foi nesta perspetiva que o amigo francês de Fernando Pessoa percorreu a sua obra poética durante mais de meio século, um itinerário que infelizmente não pôde concluir, por ter morrido em fevereiro de 1983, sem acrescentar uma nota final ao seu ensaio minucioso e rigoroso, e sem ter realizado o seu desejo: terminar o círculo por onde o tinha começado.

Muitas das lacunas editoriais que Pierre Hourcade aponta no material então disponível foram entretanto preenchidas, o que de forma alguma diminui a importância do seu estudo e testemunho. Tratando-se de uma apresentação e análise do percurso poético de Pessoa, Hourcade compara as várias edições sucessivas e alerta para as contradições e incoerências que

estas apresentam, muitas vezes no que diz respeito aos critérios de seleção e à atribuição de datas de composição dos poemas, o que o leva a afirmar, não sem algum desagrado, que «quanto mais se avança na exploração da herança poética de Pessoa, mais se confirma a impressão de que a progressiva descoberta da sua obra foi deixada aos caprichos do acaso, sem qualquer plano de investigação sistemático e delineado». De forma contundente, mais adiante, reafirma, numa das páginas deste ensaio, que «os inéditos de Pessoa *ipse* parecem pois ter servido de forma continuada e incoerente para projetos interesseiros – diria até de saque», opinião que o leva a concluir com o seguinte desabafo: «Pobre Pessoa ortónimo, o mais maltratado dos protagonistas do ‘drama em gente’! O fenómeno da heteronímia parece ter turvado a vista de alguns para a existência e a riqueza da inspiração de Pessoa ortónimo, direi mesmo que ele parece incomodar esses intérpretes, pondo em causa os seus sistemas de interpretação».

A poesia de Fernando Pessoa e dos seus heterónimos, Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis, é assim apresentada e comentada em sete capítulos que correspondem, para o crítico, a três grandes períodos da criação poética de Fernando Pessoa: antes da revelação dos heterónimos, em 1914; a fase intermediária, de 1914 a 1927; e a fase final. O último capítulo é dedicado a uma análise de *Mensagem*. Falta, portanto, a este denso ensaio uma conclusão geral que a morte não permitiu a Pierre Hourcade terminar.

Houve dois motivos que me levaram a optar pelo título *A Mais Incerta das Certezas*. Primeiro, o próprio Pierre Hourcade ainda não tinha escolhido um título definitivo para este ensaio<sup>16</sup>; segundo, intitulá-lo *Itinerário Poético* não me parece refletir inteiramente o conteúdo do ensaio em que Pierre Hourcade tra-

balhou durante tantos anos. O autor escreve até que, apesar das suas afirmações, «com ele [Pessoa] é preciso evitar as definições perentórias e definitivas, mesmo quando afirma [...] uma aparente convicção».

Quanto à tradução, procurei sempre, e de forma quase exclusiva, seguir o texto original o mais fielmente possível, objetivo que nem sempre foi fácil atingir devido à complexidade da estrutura sintática das frases, não por Hourcade recorrer a qualquer tipo de preciosismo sintático ou de maneirismo lexical, mas pela densidade das suas ideias, algumas expressas por vezes de forma lapidar, concisa, outras caracterizando-se por uma justaposição de noções complementares ao conceito principal. Se, como diz o provérbio italiano, traduzir é trair (*traduttore traditori*), a traição foi involuntária, na medida em que evitei recorrer a qualquer adaptação que não respeitasse o pensamento do autor. Quando, por exemplo, Hourcade fala em «essai de topographie descriptive», refere-se a um conceito de difícil tradução literal em português, visto o conteúdo semântico de «essai de topographie» ser mais amplo em francês do que em português.

Outra questão com que me deparei foi a tentação de atualizar as notas e as referências mencionadas por Hourcade. Com efeito, no período que decorreu entre a data em que redigiu este ensaio e a atualidade, algumas das questões sobre as quais Hourcade se interroga foram esclarecidas por diversos estudiosos da obra de Fernando Pessoa. É o caso, entre outros, da atribuição de «Para além doutro oceano», de Coelho Pacheco, que Pierre Hourcade comenta como se de um heterónimo de Fernando Pessoa se tratasse, comentário que suprimi neste ensaio, por não me parecer oportuno incluir aqui. Esta observação, no entanto, em nada diminui a importância e o interesse do longo estudo de Pierre Hourcade. O mesmo acontece com as chamadas de atenção de

Hourcade aos diversos editores da obra poética de Pessoa sobre os critérios que prevalecem nessas edições, e já vimos que por vezes o faz de forma severa e contundente. Creio, pois, que atualizar as referências que Hourcade assinala recorrendo a edições mais recentes, por exemplo, seria em certa medida desviar-me do propósito inicial, que consistia em seguir o mais fielmente possível o texto original. Por essa razão, limitei-me a verificar as fontes que são citadas, retificando, quando necessário, algumas referências e às vezes acrescentando alguma informação mais atual, chamando a atenção sempre que tal ocorre. Assim, e na medida em que os poemas analisados neste estudo atualmente estão disponíveis em várias edições, inclusivamente na Internet, suprimi nesta tradução os números de página para os quais Pierre Hourcade tem o cuidado de remeter, referindo-se às duas principais edições da obra poética de Fernando Pessoa, a da Ática e a da Nova Aguilar, que lhe servem de base de trabalho, e coloco em parêntesis o primeiro verso dos poemas sem título, a fim de facilitar a consulta.

Gostaria de agradecer a Isabelle e a Remy Hourcade, filhos de Pierre Hourcade, por me terem confiado o manuscrito do estudo inédito que agora se apresenta, assim como pela disponibilidade e pelos esclarecimentos prestados sempre que o rigor da tradução e da edição o exigiu. Por fim, agradeço a Jerónimo Pizarro, pelo encorajamento constante, o empenho e o interesse demonstrado em ver publicado o testemunho de alguém que teve o privilégio de conviver com Fernando Pessoa: uma dádiva que o destino concedeu a Pierre Hourcade.

*Fernando Carmino Marques*

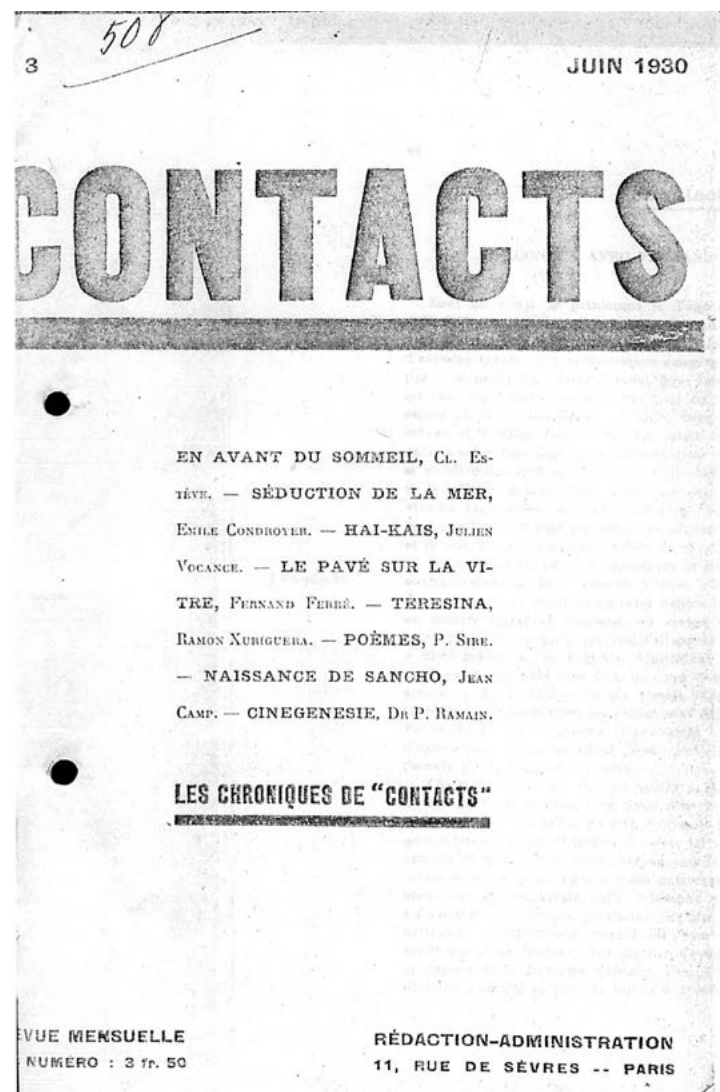


FIG. 1 - CAPA DA REVISTA CONTACTS (JUNHO DE 1930)



### Contacts... Portugais

#### RENCONTRE AVEC FERNANDO PESSOA

Sous un soleil de printemps le Tage mousse et se gonfle avec délice, suspendu par la perspective au-dessus du très noble Ferreira do Paço, le « Terre-plein du Palais » aux successions d'arcades sévèrement géométriques rangées en ordre de parade par la main du légendaire Pombal. Sous l'une d'entre elles nichait un café qui fleurit encore le XVIII<sup>e</sup>, et ce temps à peine moins oublié où les envahisseurs de Junot venaient ici traîner leurs sabres et secouer leur ennui. Le soleil et l'histoire jouent à cache-cache dans tous les recoins de cette classique architecture et prédisposeraient ma fantaisie à de faciles jeux d'antithèses si je n'étais dévoré d'une autre curiosité, animé d'une plus vivante impatience. Accoudé à la trop haute table de marbre, où fume l'éternel café portugais, je m'exerce à oublier le décor et je n'ai d'yeux que pour l'entrée du magicien.

Je le craignais petit, mélancolique et noiraud, rivé au nocif enchantement de la « sandeete » dont s'intoxique le meilleur de sa race, et je butai tout-à-coup contre le regard le plus vif, un sourire ferme et moqueur, un visage débordant d'une vie secrète. Sur le champ je me sentis dispensé de toute formule, du « cher maître », du « grand admirateur ». A quoi d'ailleurs voulez-vous que cela rime dans un pays — mais on ne va pas me croire — où la littérature n'a jamais rapporté un sou, où la réclame est inconnue, où les poètes sont édités après leur mort? Fernando-Pessoa-aux-poèmes-introuvables a dispersé dans d'éphémères revues ou gardé jalousement dans son portefeuille l'œuvre de quatre grands poètes.

Car il n'est pas un : il « est quatre ». Fernando Pessoa, c'est Alvaro de Campos, mais c'est aussi Alberto Caeiro, c'est encore Ricardo Reis, c'est enfin, parfois, Fernando Pessoa. Quatre noms, quatre œuvres dans lesquelles le même homme se perd successivement et tour à tour ressuscite au souffle du moment, quatre incarnations dont chacune vit son existence complète parallèlement aux autres, surgit, lutte, triomphe et quelquefois meurt en laissant une œuvre posthume. Pessoa inconnu, sauf d'un petit cercle d'admirateurs dont il fait l'admiration, Pessoa inédit, mythique et légendaire, démolisseur de dogmes esthétiques et apologiste de la dictature militaire, Pessoa passionné et contradictoire a réalisé ce tour de force : il a vécu le refus de choisir

# ALÉM

À MEMÓRIA DE FERNANDO PESSOA

*Sôbre Athena imortal o Corvo impera  
Fitando negro a Dor que se traduz.  
Hoje Eleonora virtual conduç  
As cinças do que ardeu à sua espera.*

*Irmão do Gênio americano êle era,  
Na Lusitânia teve a sua cruz.  
E sob o frio da saturnia lux  
Lhe foi perdida a própria primavera.*

*Triste Poeta do que não existe  
Senão em amargura sublimada,  
Dormes qual o Menino que sentiste.*

*Dos laranjeas a brisa perfumada  
Vai modulando num afago triste  
A tristeza que foi abandonada.*

GIL VAZ.

## UMA CARTA DE PIERRE HOURCADE

Hourcade, 21, Route d'Harcourt, Caen, Calvados — Le 10 Janvier 1936

Mon bien cher Carlos,

Non, je ne savais pas que Pessoa était mort, et cette nouvelle m'a laissé une bizarre torpeur. A vrai dire, je n'y crois pas ; je croyais à peine à son existence. De temps en temps je le voyais surgir, d'un étrange arrière-pays fait de néant et que je supposais peuplé de magiciens et de navigateurs — et pourtant je savais qu'il était peuplé de machines à écrire et de comptes-courants... Il était là sans crier gare, en retard, ou en avance, jamais à l'heure, toujours imprévu, même quand j'avais moi-même longuement combiné le rendez-vous. Et dans ces courts instants de présence, il me semblait qu'il vivait double, triple, comme pour se rattraper des heures et des heures d'inexistence qui avaient précédé. L'ironie, la ferveur, la subtilité lui ruisselaient des yeux, des mains, faisaient danser ses minces épaules, allumaient de diaboliques reflets de narquoise-rie dans son oeil, dégageaient autour de son corps comme un halo de fièvre légère qui se communiquait à l'interlocuteur, ou plutôt au spectateur, tel le frisson sec et plaisant des matins de gelée. Huit ou dix fois il me l'a communiqué, en cinq ans, ce sentiment de discrète frénésie poétique, mais toujours orientée par la plus exigeante clairvoyance. Clairvoyant, qui vraiment, comme on le dit des médiums ; jamais dupe, et dévoré de ne pas l'être assez.

Au bout d'une heure nous nous levions, je l'accompagnais quelques pas Rua da Prata, jusqu'à un tournant, toujours le même, le tournant d'une rue qui grimpe et semble vouloir prendre d'assaut une façade d'église sur son passage. Et jamais je ne me suis retourné après l'avoir quitté ; j'aurais eu trop peur de le voir peu à peu se décolorer, devenir translucide, se dissoudre dans l'air du soir, regagner en fumée ce pays secret d'où il s'évadait de temps en temps pour aborder jusqu'à mon rivage. Mort? Qu'est-ce que cela veut dire, quand il s'agit d'un homme qui avait à ce point réduit le contact avec la vie? Je ne pleurerai pas Fernando Pessoa. C'est un genre d'hommage que sa discrétion

maladive n'eût pas toléré. Mais jamais, jamais je ne pourrai l'oublier.

Quant au poète, mon cher Carlos, il était unique ; il laisse un vide, un de ces vides qu'il faut vider, trente ans pour combler ; juste le temps de mesurer l'espace qu'il occupait, juste le temps pour ton pays et le sien de se rendre compte de la perte qu'il vient de faire ; le temps d'entrer dans les histoires officielles...

Ce que tu as dit de lui à la Radio était à tous égards parfait ; je n'en attendais pas moins de toi, par qui je l'ai connu, toi, un des seuls êtres sans doute pour lesquels il ait éprouvé quelque chose qui ressemblât à nos attachements terrestres. Et je ne veux pas dire du tout qu'il m'ait paru sec, indifférent, inhumain ; non mais c'est que toutes les choses qui lui advenaient, tout ce qui se passait en lui et autour de lui prenait à son contact une valeur essentiellement autre que pour n'importe qui. L'amitié de Pessoa, l'enthousiasme de Pessoa, l'ironie de Pessoa ne peuvent être ainsi nommés que par approximation, et faite d'un mot moins grossier. Et dans tout cela pas le petit soupçon d'affection, ou même de conscience de cette différence invincible ; une simple bonne foi dans l'étrangeté qui, chez un être par ailleurs aussi conscient, touchait au miracle. Étrange, étranger Fernando Pessoa, qui nous aurait, dis-tu, cette fois tout à fait quitté? mais qui, dans nos songes, dans nos moments les meilleurs et les mieux éveillés, ne cessera de revenir nous visiter, nous bouleverser, pour disparaître à nouveau.

Je te demande pardon de répondre si peu à ton message d'amitié. Mais il y a deux jours que je sais, et personne autour de moi à qui faire comprendre les sentiments encore confus qui m'assailent.

P. S. — Si un numéro « In Memoriam » est publié à *Presença*, je demande qu'on m'en avise à temps et qu'on m'autorise à y collaborer.

Pierre Hourcade publiqua un dia, nos « *Cahiers du Sud* », algumas das notas mais lúcidas que sôbre a arte de Fernando Pessoa se tem escrito. Por impossibilidade de tempo, *presença* não espera, como fóra desejo dela e dêle, a sua colaboração para este número. Mas à amável anúncio de Carlos Queiroz deve o poder publicar, no exerto de carta que aí fica, a tão viva, comovida e justa evocação que Pierre Hourcade faz de Fernando Pessoa.

1

Premier projet d'une Préface

Les pages qui suivent seront, ou tâcheront d'être, une oeuvre de modestie. Elles eussent été irréalisables, mieux, inconcevables, sans le prodigieux effort de défrichage et de commentaire auquel l'oeuvre poétique de Fernando Pessoa a déjà été soumise. Avant donc de marquer la différence qui me sépare de mes illustres prédécesseurs en exégèse pessoenne, il convient que je reconnaisse la dette que j'ai contractée envers ceux-ci, et d'abord (pour ne parler que des seuls auteurs portugais) envers João Gaspar Simões, Jacinto do Prado Coelho, Jorge de Sena, Adolfo Casais Monteiro, Maria Aliete das Dores Galhoz, Jorge Nemesio, Joel Serrão, Eduardo Lourenço, Arnaldo Saraiva, José Augusto Seabra, — entre tant et tant d'autres que je n'ai pas tous lus, que je me suis parfois systématiquement abstenus de lire, pour éviter que mon étude — comme il arrive trop souvent, et spécialement dans les recherches universitaires, — ne tourne au commentaire de commentaires, à la glose sur des gloses.

Chez la plupart d'entre eux, j'ai admiré la pénétration de l'analyse, la profondeur et parfois l'audace de l'interprétation. Je suis malgré tout arrivé à la conclusion que, trop souvent, ce gigantesque édifice a été érigé sur des bases incertaines, sur des fondations fragiles, parce que ses architectes ont négligé, ou traité comme secondaire, un plus humble travail préalable d'inventaire et de description — celui-là même auquel je me suis délibérément astreint.

Ce travail, je le qualifierais d'"essai de topographie descriptive" de l'univers poétique de Pessoa, envisagé "diachroniquement", comme on dit aujourd'hui, non en fonction de l'histoire vécue de l'auteur, de sa biographie (des relations que j'ai eu la chance d'entretenir personnellement avec le Poète, je n'ai retenu qu'une impression d'ensemble et quelques rares anecdotes) mais de son temps propre, dans l'évolution qui la constitue en un tout vivant, qu'il faudrait regarder tel qu'il s'offre à nous, et non tel qu'on se le représente, à partir de présupposés plus ou moins arbitraires. Or, je m'empresse d'ajouter que je n'y suis parvenu que très partiellement, faute d'une édition véritablement complète et critique de l'ensemble de cette oeuvre. Nous savons aujourd'hui, grâce à Jorge Nemesio, (1) que la plus grande partie des poèmes en langue portugaise signés par Pessoa de son nom propre et écrits par lui entre 1907 et 1914, c'est à dire avant l'apparition des hétéronymes, sont encore inédits. D'autre part, les recherches de G.R. Lind et d'Anna Terlinden, entre autres, ont révélé que le plus grand nombre des poèmes anglais de Pessoa, signés soit d'Alexander Search soit de lui-même, composés entre 1903 et

A MAIS INCERTA  
 DAS CERTEZAS:  
 ITINERÁRIO POÉTICO  
 DE FERNANDO PESSOA

(1) "A obra poetica de Fernando Pessoa" (Livraria Progresso Editore, Bahia 1958)

FIG. 4 - PREFÁCIO DO ORIGINAL DE PIERRE HOURCADE

As páginas seguintes são, ou tentarão ser, um exercício de modestia. São páginas que teriam sido irrealizáveis, ou até inconcebíveis, não fora o prodigioso esforço de decifração e de comentário a que a obra poética de Pessoa deu origem. Antes de marcar a diferença que me separa dos meus ilustres predecessores em exegese pessoana, e referindo-me apenas aos autores portugueses, manifesto o meu reconhecimento para com João Gaspar Simões, Jacinto do Prado Coelho, Jorge de Sena, Adolfo Casais Monteiro, Maria Aliete Galhoz, Jorge Nemésio, Joel Serrão, Eduardo Lourenço, Arnaldo Saraiva, José Augusto Seabra, entre muitos outros que nem sempre li, ou que sistematicamente me recusei a ler, evitando assim que o meu estudo caísse, como é corrente, especialmente no meio académico, no comentário sobre comentário, na glosa pela glosa.

Se em quase todos eles admirei a agudeza da análise, a profundidade, e por vezes a audácia da interpretação, não posso deixar de constatar que muitas vezes este gigantesco edifício interpretativo assenta em bases incertas e frágeis alicerces. Isto porque os seus arquitetos parecem ter negligenciado, ou considerado secundário, a humilde tarefa de fazer previamente o inventário da obra e a sua descrição. Ora é precisamente a essa tarefa que de forma deliberada me restrinjo.

Descrevo este trabalho como «descrição minuciosa» do universo pessoano, numa perspetiva diacrónica, não em função

da história vivida do autor, da sua biografia (das relações pessoais que tive o privilégio de manter com o poeta, refiro apenas impressões gerais e esporadicamente anedóticas), mas da evolução da sua obra, no seu tempo próprio, tal como aos nossos olhos se apresenta, e não como a imaginamos a partir de pressupostos mais ou menos arbitrários, tarefa que desde já confesso só parcialmente pude realizar, em parte pela inexistência de uma edição verdadeiramente completa e crítica do conjunto da obra de Pessoa. Sabe-se que permanece inédita a maior parte dos poemas em português assinados por Pessoa em seu próprio nome, escritos entre 1907 e 1914, antes dos heterónimos, portanto. Sabe-se também, por outro lado, que um grande número de poemas em inglês do próprio Pessoa, ou assinados por Alexander Search, escritos entre 1903 e 1917, *grosso modo*, são desconhecidos ou se encontram dispersos em revistas nacionais ou estrangeiras onde permanecem esquecidos<sup>2</sup>. Por fim, as *Poesias Inéditas* do período de 1919-1935, publicados pela Ática, não suscitaram ainda a atenção que merecem, e isto apesar de o seu elevado número romper o equilíbrio do conjunto da obra em favor daquele que designo como Pessoa *ipse*, permitindo ao mesmo tempo uma perspetiva nova e singular, quer pela quantidade, quer pelo conteúdo, além do valor que de facto têm. E nada garante que Álvaro de Campos, Ricardo Reis, ou qualquer outro heterónimo, não nos reserve alguma surpresa. Quanto à apresentação crítica dos textos conhecidos que Maria Aliete Galhoz faz na edição da *Obra Poética* de Fernando Pessoa, na Nova Aguilar, apesar do esforço digno de gratidão, é evidente que muito está ainda por fazer. Trata-se de uma situação indesejável, que muito deve às estranhas condições em que a publicação da obra de Pessoa se concretizou, arrancada da famosa arca fragmento após fragmento com critérios duvidosos e injustificados, por

diversos editores, não raro em desacordo uns com os outros, ignorando-se umas vezes, outras contradizendo-se. Bendita e temível arca, de que se extraíram textos ao acaso, sem que uma visão do conjunto da obra prevalecesse durante a prospeção. Como se, e a comparação é brutal, fosse um feto morto à nascença de que, um após outro, se arrancam os pedaços para salvar a parturiente — operação que só a robusta constituição da vítima, isto é, todo o génio poético de Pessoa, impediu de ter sido fatal e lhe permitiu resistir. Nestas condições, como proceder, era esse o meu intuito, ao inventário da obra poética de Pessoa, como descrever o itinerário da sua evolução, se muita informação sobre várias etapas nos escapa ou se desconhece? Não tenho essa pretensão. Por esta razão, nas páginas seguintes são mais as interrogações que as afirmações, mais as suposições — sempre que possível fundamentadas em factos, isto é, nas obras e na sua data de composição — do que as certezas inquestionáveis.

Não podendo, pelas razões referidas, levar a cabo uma descrição minuciosa do universo pessoano tão completa e indiscutível como desejava, limito-me a analisar com o maior rigor possível o que já se conhece, circunscrevendo claramente as zonas mais obscuras, bem como a sugerir a lista do que na minha perspetiva constitui um problema, fazendo em certa medida uma proposta de orientação para investigação. Nem a idade nem os limites que me reconheço me permitem terminar um projeto tão vasto quanto este<sup>3</sup>, um projeto que permitiria, estou certo disso, um melhor conhecimento e uma melhor compreensão do conjunto da obra pessoana. Se até à data esse projeto não se concretizou, é porque, para muitos exegetas, de forma mais ou menos consciente, Pessoa representa um caso e não uma realidade poética viva na sua extrema complexidade. A melhor prova do que afirmo é a inexistência de estudos de fundo quer sobre os seus

primeiros anos de produção poética (antes de 1914), quer sobre os últimos, como se o génio de Pessoa se tivesse revelado apenas a partir, e em função, da criação dos principais heterónimos. Nunca subestimando a sua importância, destaco nas páginas seguintes três dos seus mais ilustres exemplos: Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis. No entanto, não me parece que esses heterónimos tenham sido entre eles, termo a termo, comparados desde o momento que foram criados e em simultâneo cresceram, nem tão-pouco se tenha estudado como cada um deles evoluiu, conheceu períodos de eclipse, reapareceu e se transformou. É comum falar-se de Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis como se as obras de cada um deles constituíssem um todo homogéneo, independente das outras, uma peça única. Uma das minhas preocupações é precisamente mostrar – sobretudo em Álvaro de Campos – os contrastes singulares entre os diferentes momentos da sua produção poética, e tentar compreender em que medida esses contrastes correspondem ou não a uma evolução da temática e da matéria poética em Pessoa *ipse*.

Por Pessoa *ipse*, entendo a obra escrita em nome próprio, frequentemente considerada uma «heteronímia ortónima», enquanto expressão de uma outra personagem do drama em gente, e nem sempre a mais importante<sup>4</sup>. Por desconhecimento, sobretudo da produção anterior a 1914, e pela abundância, o que, pelo contrário, em si me parece significativo, não se prestou a devida atenção à sua presença constante, quase ininterrupta e na qual, à luz do que se conhece, se verifica uma relativa unidade. Mais significativo ainda me parece o facto de Pessoa ter deixado inédita uma grande parte dessa produção poética, quase sempre por acabar ou em esboço. «Ele não foi um eu mas um anti-eu», escreve Jorge de Sena. Em todo o caso, parece-me

difícil de crer, como Pessoa insinua na «Tábua Bibliográfica» que publicou na *Presença* em 1928<sup>5</sup>, que esta abundante produção tinha um interesse limitado e passageiro, estando ainda «por aperfeiçoar ou redefinir», que se tratava apenas «de pequenas composições em prosa ou verso ou que seria difícil lembrar e tedioso enumerar, depois de lembradas», sendo apenas por estas razões que ele se teria recusado a publicá-las ou até a incluí-las nos inúmeros projetos de planificação da sua obra, na perspectiva de uma eventual edição completa que acabou por abandonar nos últimos anos da sua vida. Como se Pessoa quisesse trazer para primeiro plano os heterónimos e pretendesse atribuir um carácter definitivo às suas obras, deixando no esquecimento, salvo raras exceções, os poemas escritos em nome próprio, e como tal reconhecidos, poemas que deliberadamente deixou incompletos e em esboço. E não se trata de um pequeno número de textos isolados, mas do conjunto de poemas publicados nos três volumes de «Poesias Inéditas» da Ática, ao qual, relembro, se devem acrescentar os do período 1907-1914, revelados por Jorge Nemésio<sup>6</sup>, sem contar com aqueles que estão certamente por descobrir, uma quantidade que impressiona, nem sempre pelo seu valor, mas pelo volume e pela sua existência. Caeiro, Reis, Álvaro de Campos, e alguns, raros, textos de Pessoa *ipse* surgem como ilhéus na superfície de um fluxo contínuo de meditação e expressão poética impregnada de confidências, reflexões sobre ele próprio, notas sobre o seu estado de espírito e humor que ciosamente o poeta guarda para si e não pretende divulgar. Assim se justifica a razão que me leva a intitular a minha iniciativa «ensaio de topografia descritiva», no intuito de estabelecer relações de analogia ou de contraste entre os textos já conhecidos e analisados do universo poético pessoano e esse vasto magma subjacente

que o autor parece ter desejado esconder do público. Este confronto talvez permita uma nova visão sobre as grandes obras e o seu autor, sem esquecer o significado que se pode atribuir a essa estranha atitude da parte de um poeta consciente e genial, como era o seu caso, sendo, por isso mesmo, de crer, pouco inclinado a condenar ao esquecimento uma parte substancial da sua obra. Percebe-se pois, pelas considerações precedentes, que não pratico qualquer técnica de interpretação, não faço meu nenhum ponto de vista doutrinal a que a crítica atual se submete, não sou nem linguista, nem psicanalista, nem puramente formalista – e menos ainda historiador de literatura no sentido comum do termo. Procuro apenas ver, mostrar, ou tentar destacar o que é aparente e, por ser aparente, muitas vezes negligenciado ou desvalorizado. Em resumo, fico-me pela superfície. Poderia justificar esta opção evocando Alberto Caeiro («O essencial é saber ver [...] as coisas são o único sentido oculto das coisas»), e sobretudo o seu discípulo, por vezes infiel, Ricardo Reis («A Natureza é só uma superfície. Na sua superfície ela é profunda / E tudo contém muito / Se os olhos bem olharem») – é evidente que seria um subterfúgio e também uma injustiça. Subterfúgio, porque seria arbitrário incluir a criação do espírito, nos dois poetas em questão, o que só diz respeito ao mundo exterior, à realidade sensível e apercebida. Injustiça, porque corresponderia a negar a validade de todos os esforços de interpretação realizados a partir dessas «aparências» ambíguas. Essas ambiguidades constituem o ponto de partida e a referência, pressupondo desde logo que se admitam, se reconheçam, para que em seguida, e antes de qualquer exegese, se tente, tanto quanto possível, identificá-las e se considerem as lacunas da nossa visão atual, assim como as obscuridades e as possibilidades de erro que essas lacunas podem originar.

É certo que Alain disse que a pura aparência nunca aparece («La pure apparence n'apparaît jamais»)<sup>7</sup> e que há sempre uma componente de interpretação, mais ou menos consciente, na apreensão daquilo a que chamamos os factos. Todavia eles existem, e não é indiferente, por exemplo, que em alguns períodos a criação poética de Pessoa tenha sido muito limitada (períodos que designo como «travessia no deserto»), ou que um heterónimo se destaque dos outros e que, exceto Álvaro de Campos, passem para segundo plano nos últimos anos de Pessoa. Distinguir as datas de composição – quando são conhecidas – e as datas de publicação não é de forma alguma indiferente, por elas é possível chegar a conclusões que podem abrir perspectivas para a exegese de cada uma das partes da obra e do seu conjunto, mostrando que a obra poética de Pessoa tem de ser vista como organismo vivo e não como justaposição de rubricas ou de pretextos para variações exegéticas subtis. É por nem sempre ter sido submetido a este humilde esforço descritivo que o Pessoa de cada um dos seus grandes intérpretes se parece tão pouco com este que aqui se revela; há, por exemplo, um Pessoa de Gaspar Simões, um Pessoa de Eduardo Lourenço, um Pessoa de Jorge de Sena, etc., entre os quais as diferenças são tão marcantes que chegam a ser contraditórias, o que em si, além de natural, é desejável, na condição expressa de que a matéria em que esses sistemas interpretativos legitimamente ambiciosos se fundamentam tenha sido antes de mais circunscrita com rigor, reconhecida, descrita, assinalada nas suas diferenças mais marcantes, inventariada. É isso que designo como descrição minuciosa do universo pessoano, e enquanto método de superfície de compreensão desse universo. Como se pode verificar pelas anteriores reflexões, tal como nos estudos que constituem o presente ensaio, o lugar reservado à obra em prosa de Fernando

Pessoa é limitado, em particular às suas páginas de doutrina referentes à política, sociologia, religião, ocultismo, filosofia, ou até de estética, não porque o autor as desvalorize ou pretenda ignorá-las, mas sim por pensar que atualmente se atribui demasiada importância a aspetos marginais de uma inspiração, de uma atividade mental que é sobretudo poética. Pessoa é em primeiro lugar poeta, o maior poeta português desde Camões (ele é o anti-Camões, segundo a bela definição de Jorge de Sena<sup>8</sup>), um dos três ou quatro grandes nomes da poesia europeia ou até mundial, do século xx. No entanto, e apesar da sua atividade intensa em quase todos os domínios do pensamento, não considero que toda essa produção possa ser considerada genial ou realmente inovadora. Sustento esta afirmação através da comparação com outro grande espírito digno em todos os aspetos de com ele se comparar: Paul Valéry (um leitor anglo-saxónico terá certamente tendência para o comparar com T. S. Eliot). Valéry é, antes de mais, um intelectual cuja poesia é o espelho da sua reflexão sobre os mecanismos do pensamento. Pode até dizer-se que, por muito admirável que seja, a sua poesia é marginal e acidental quando comparada com a sua obra em prosa, metafísica, estética, analítica, etc. A sua poesia submetete-se aos critérios que retira das suas reflexões sobre a condição humana e sobre o funcionamento do espírito, sendo no fundo tão pessimista e niilista como Pessoa. Mas Pessoa é um angustiado que não se resigna com a sua angústia, que não concentra a sua atenção sobre as razões que movem a sua vida afetiva e mental. Procura, sim, ou pelo menos aceita com uma espécie de reconhecimento, todos os pretextos que se lhe apresentam para esquecer, saciando a sófrega necessidade de compreender e raciocinar que dele se apodera, a partir de um esquema tripartido não desprovido de rigidez mecânica, com, na maioria

dos casos, uma profunda indiferença pelas conclusões que imperturbavelmente deduz das premissas mais ou menos arbitrárias que apresenta. Quer se trate de estética «antiaristotélica», à maneira de Álvaro de Campos, da definição de literatura dramática<sup>9</sup>, de antidemocracia, do paradoxo do «Banqueiro Anarquista» – quatro exemplos entre tantos possíveis –, fica-se com a impressão que para ele é um mero «divertimento», tal como Pascal definia a palavra. Não quer isto dizer que da sua parte não houvesse convicção, entusiasmo, mas trata-se de uma convicção e de um entusiasmo de circunstância, como para o paganismo de Ricardo Reis (a única exceção a este aspeto circunstancial do pensamento pessoano talvez resida no ocultismo; é bastante significativo que em Pessoa o ocultismo se manifeste essencialmente pela poesia). Os resultados de toda esta singular atividade são, há que reconhecê-lo, pouco conclusivos. Isto leva-nos a ter dúvidas sobre a importância que ele realmente lhe atribuía, passada a circunstância que justificou o seu aparecimento. Teria essa atividade mais valor para ele do que o «Anuário Indicador Sintético», e outras quaisquer classificações, consultável em qualquer língua, que em 1926 patenteou? Se a resposta for sim, direi francamente que ele estava enganado – e com isto julgo não pôr em causa o que justifica o essencial da sua glória. Há que ter a honestidade de reconhecer que em muitas das notas mais ou menos elaboradas que nos últimos anos se têm reverencialmente publicado e comentado, as afirmações arbitrárias servem de premissas para o encadeamento quase automático de raciocínios cuja conclusão frisa por vezes o pueril. O mesmo se pode dizer do famoso «Ultimatum», que se atribui a Álvaro de Campos, e que interessa apenas na medida em que contribui para a definição da personagem e circunscreve a personalidade de Campos, sendo no fundo um

exercício de heteronímia. Creio até que o próprio Pessoa não teria hesitado muito em classificá-lo como uma dessas «palhaçadas» para *épater* (o termo é seu) que alguns anos antes rene-gava numa famosa carta para Armando Côrtes-Rodrigues<sup>10</sup>. É um exemplo em si pouco convincente, na medida em que o «Ultimatum» e os «Apontamentos para uma estética não-aristotélica», publicados muito mais tarde na *Athena*, fazem parte do folclore de um dos mais importantes heterónimos e se justificam em função deste. Quanto a quase todos os outros escritos em prosa de Fernando Pessoa, e certamente para os que escreveu em seu próprio nome, não estaremos longe da verdade se os descrevermos como exercícios que concebe para satisfazer a necessidade constante que tem de atividade – de agitação intelectual – fora dos períodos de inspiração poética. No fundo, distrações para a obsessiva angústia natural que por vezes o levou a recluir a loucura.

Os únicos textos em que se sente o seu compromisso verdadeiro são aqueles em que reage a alguns episódios do quotidiano, quando considera que são questionadas a dignidade e a liberdade do espírito: «Aviso por causa da moral», «António Botto e o ideal estético em Portugal», «Sobre um manifesto de estudantes», ou ainda, em 1935, o artigo contra as medidas anunciadas pelo poder para suspender a maçonaria. Nesses casos, Campos, ou Pessoa, são breves, incisivos, por vezes virulentos, mostrando-se a descoberto, sem qualquer subterfúgio retórico nem prudência verbal. Sempre que considerou necessário, Pessoa foi um polemista temível. Se o respeito que a sua personalidade inspira sai reforçado por estas demonstrações de coragem – não apenas intelectual – e de fidelidade aos seus princípios, estes textos, em si, nada acrescentam ao conhecimento da sua obra poética. Aliás, na enorme quantidade de escritos em prosa

que publicou em vida, ou que mais tarde foram revelados, os textos que acabo de referir, e outros da mesma natureza, são em grande medida minoritários. O resto, embora mereça a nossa atenção, como tudo o que diz respeito à personalidade de Pessoa, não deve ser valorizado em detrimento do essencial. Mais ainda, para mim, Pessoa não é um grande espírito, nem um doutrinador político ou sociológico, um filósofo, ou um crítico de primeiro plano, é, sim, e basta para sua glória, um imenso poeta. É preciso evitar admirá-lo a contratempo e sem discernimento, «canonizá-lo» em tudo o que escreveu ou em tudo o que terá pensado, mas também evitar confrontá-lo, erradamente na maioria dos casos, com esta ou aquela atitude política e social, não raro interpretada em sentido contrário. Deve-se antes procurar vê-lo integralmente e apreender na aparência da sua totalidade uma obra poética multiforme mas una (diversidade e unidade sublinhadas por Jacinto do Prado Coelho), objeto de intensa satisfação poética antes de constituir um pretexto para exegeses subtis e profundas. Vejamos o poeta como ele se revela e não como acreditamos poder explicá-lo. Neste aspeto ainda há muito para fazer, e a este «muito» nada mais pretendo trazer que o meu contributo parcial e incompleto. Defino e proponho uma linha de investigação que a outros compete levar a seu termo, tirando daí as conclusões, isto é, as interpretações, que entenderem impor-se. Para mim, a «geografia descritiva de superfície», para outros a «geologia das profundezas».



## NOTAS BIOGRÁFICAS

### O AUTOR

Pierre Hourcade nasceu em 1908 em Châlons-sur-Marne, no nordeste de França. Aos 19 anos matricula-se em Letras na École Normale Supérieure, em Paris, e chega a Coimbra no início de 1930 com uma bolsa de estudos para preparar a sua tese sobre Guerra Junqueiro. Aí contacta com a revista *Presença* e torna-se membro do grupo. É então que conhece Fernando Pessoa. Concluída a sua tese, Hourcade regressa a França, mas volta a Portugal pouco depois, desta vez como leitor de Francês – primeiro em Coimbra, na Faculdade de Letras, e depois em Lisboa, onde permanece até finais de 1934. Em 1935, parte para o Brasil. Três anos depois regressa novamente a Portugal, para dirigir o Instituto Francês no Porto. Fixa-se posteriormente em Lisboa, onde em 1941 é nomeado diretor do Instituto Francês e adido cultural da embaixada de França, cargo que ocupa até 1962. Pierre Hourcade termina a sua carreira académica e diplomática dez anos depois, em Ancara, na Turquia. Durante a sua longa atividade, escreveu inúmeros artigos sobre literatura portuguesa, brasileira e francesa, publicados em vários países. Pierre Hourcade foi ainda o primeiro tradutor francês de Fernando Pessoa. Morreu em Aix-em-Provence, em 1983.

### O EDITOR

Fernando Carmino Marques doutorou-se em Letras pela Universidade de Paris IV – Sorbonne, em 1997. De 1993 a 2002, lecionou Língua, Cultura e Literaturas de Expressão Portuguesa nessa mesma universidade. Colaborou com o Instituto Camões em Paris e foi responsável pelo ensino da língua portuguesa nas universidades de Versailles – St. Quentin e Marne-la-Vallée. Publicou vários estudos sobre temas e autores portugueses e brasileiros dos séculos XVI, XIX e XX. Atualmente é docente no Instituto Politécnico da Guarda.



**A MAIS INCERTA  
DAS CERTEZAS**

FOI COMPOSTO EM CARACTERES FILOSOFIA  
E VERLAG, E IMPRESSO NA GUIDE, ARTES GRÁFICAS,  
SOBRE PAPEL CORAL BOOK DE 80 G/M<sup>2</sup>,  
NO MÊS DE MARÇO DE 2016.